

# A TEORIA DO BODE EXPIATÓRIO, DE RENÉ GIRARD, APLICADA À CHACINA DE MATUPÁ<sup>1</sup>

Letícia de Souza Furtado<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho analisa o linchamento conhecido como Chacina de Matupá, através da aplicação dos quatro "estereótipos persecutórios", propostos por René Girard em sua obra O Bode Expiatório. O pensamento girardiano é brevemente apresentado ao leitor, para, depois, passar-se a uma descrição detalhada dos elementos que permitem a identificação de um "bode expiatório", quais sejam: a "crise indiferenciadora"; os "crimes indiferenciadores"; as "marcas vitimárias" e a violência ou expulsão coletiva. Em seguida, discorre-se acerca da origem do município de Matupá/MT e de suas características sócio-culturais na década de 1990, partindo-se, então, para o relato pormenorizado da Chacina de Matupá. Por fim, é realizada a análise do caso estudado, à luz dos "estereótipos persecutórios".

**Palavras-chave:** Girard. Bode expiatório. Mecanismo vitimário. Crise indiferenciadora. Marcas vitimárias. Crime indiferenciador. Chacina de Matupá. Linchamento.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo de caso tem como objetivo identificar, à luz dos "estereótipos persecutórios" elaborados por René Girard, elementos que permitam apontar, na Chacina de Matupá, a existência de um ou mais bodes expiatórios.

Crimes de multidão como esse, pela sua natureza impactante, inevitavelmente suscitam inúmeros questionamentos. A partir do método de abordagem hipotético-dedutivo, buscar-se-á responder: se as vítimas da chacina possuíam características que as diferenciavam dos membros da massa que as

---

<sup>1</sup> Artigo sinótico do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel pela Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Aprovação com grau máximo pela banca examinadora, composta pelos Professores Doutores Álvaro F. Oxley da Rocha (orientador), Gabriel José Chittó Gauer e Paulo Vinícius S. de Souza, em 19 de novembro de 2013. Dissertação integral disponível em: <https://sites.google.com/site/leticiadesouzafurtado/BECM.pdf>.

<sup>2</sup> Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela PUCRS. E-mail: leticiafurtado86@gmail.com.

assassinou – "marcas vitimárias –; se o município de Matupá, em Mato Grosso, vivia uma "crise indiferenciadora"; e, em caso positivo, se aos linchados foi atribuído algum comportamento que pudesse guardar relação com essa crise – "crime indiferenciador". Serão citadas, essencialmente, fontes primárias, tais como reportagens em revistas e jornais, livros, artigos, trabalhos científicos e sítios da internet que possam colaborar com o desenvolvimento da pesquisa.

Estudar as raízes de um comportamento é basilar para perceber até que ponto ele é um desvio e quão culpável é. Munido dessa noção o aplicador do Direito fica apto a interpretar as leis de forma menos mecanizada, mais humana e abrangente, não cerceada pelo reducionismo metodológico imposto quando se ignoram os esclarecimentos oferecidos pelas demais ciências. Naturalmente, não se tem a pretensão de esgotar os assuntos de que trata René Girard, mas, se comprovadas as hipóteses aqui levantadas, poderemos concluir que episódios como a Chacina de Matupá, nos quais se executam "bodes expiatórios", merecem ser analisados pelo Direito sob um enfoque multidisciplinar, ganhando assim maior clareza.

## **PRIMEIRA PARTE: O BODE EXPIATÓRIO.**

### **1.1 O desejo mimético e suas consequências – introdução ao pensamento girardiano.**

De acordo com o pensamento de Girard, os homens elegem seus objetos de desejo por imitação. O objeto, portanto, não tem um valor em si mesmo: o desejo de um primeiro homem – indivíduo modelo, o único que talvez demonstre alguma criatividade nessa predileção – joga luz à coisa, dando-lhe um brilho diferenciado e despertando o interesse do outro; este, por sua vez, serve à manutenção do interesse daquele<sup>3</sup>. Essa relação triangular de dois indivíduos com o objeto representa a estrutura do desejo mimético. A partir dessa amostra, é possível visualizar com que rapidez uma vontade individual pode se tornar coletiva, tendo em vista que a cobiça de um homem pode ser observada e imitada por muitos outros, o que concede à multiplicação do querer ares de uma progressão aritmética.

---

<sup>3</sup> GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

Quando dois homens passam a ambicionar o mesmo objeto, entram imediatamente em conflito, pois tornam-se, um para o outro, empecilho à obtenção exclusiva daquilo que ambos querem. O desejo mimético se fortalece na medida em que a coisa disputada se revela fora de alcance. No estágio seguinte, consequência dessa contenda, os rivais desenvolvem a agressividade, ficam obcecados, cegos, com a inteligência obscurecida. A esse ponto, o objeto de desejo que colocou o indivíduo modelo e o imitador em choque já não é lembrado, o que permanece é a reciprocidade negativa desenvolvida por eles. Como bem expõe Milton Gustavo Vasconcelos<sup>4</sup>:

Os duplos são rivais que se atacam mutuamente, por estarem escandalizados pelo desejo sobre algum objeto. Os rivais se imitam na violência e por isso sua relação se dá em forma de escalada. Quanto mais se odeiam e se atacam, mais se parecem. Com o tempo, o objeto do desejo é esquecido, e os rivais preocupam-se apenas em atingir o outro. O conflito entre os duplos transforma-os em escravos da violência recíproca, que não pode acabar, a menos que um dos rivais renuncie ao conflito.

É que estão “escandalizados”. O escândalo, em síntese, seria um obstáculo que instiga, provoca a teimosia, depois a impaciência, e, por fim, conduz a impulsos violentos, que parecerão ser a única forma, necessária e inevitável, de eliminar tal entrave. O opositor, obstáculo da rivalidade mimética é, portanto, o escândalo de seu duplo, aquele que dificulta seu caminho. O revide de um para com o outro, a vingança, faz os homens ingressarem num círculo vicioso para o qual a única solução pacífica é a desistência de um dos rivais.

A violência generalizada é produto do mecanismo mimético. Em uma sociedade na qual o desejo mimético evoluiu ao escândalo em diversas relações interpessoais, a violência passa a ser um aspecto indiferenciador de seus membros. Todos se encontram em uma crise idêntica, a “crise indiferenciadora” originada pelo desejo mimético. A pessoa que acumula seus impulsos violentos não os satisfazendo na plenitude chegará ao seu limite, fazendo-os transbordar de uma vez

---

<sup>4</sup> BARBOSA, Milton Gustavo Vasconcelos. **A expansão penal na República de 1988: A ilusão mítica e os efeitos da revelação.** Porto Alegre. Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013. p. 28, nota 108.

só; e, no auge dessa crise, no momento de maior histeria, o desejo reprimido de violência aceita vítimas substitutivas para descarregar sua energia.

Nessas circunstâncias, o indivíduo se deixa seduzir por outros escândalos cujo magnetismo se revele superior ao do seu e cuja força de atração será tão maior quanto maior for o prestígio ou o número de escandalizados. Nas palavras de Girard, “os escândalos entre los indivíduos son como pequeños riachuelos que desembocan en los grandes ríos de la violencia colectiva”<sup>5</sup>. Ao final das incorporações de escândalos, uma multidão resta polarizada contra um indivíduo ou uma minoria.

Se a coletividade não abdica das agressões mútuas e insiste nos ataques interindividuais e dispersos, o resultado, no grau mais extremo de violência, só pode ser a extinção do grupo. É que, nesse caso, seria iniciado um processo semelhante ao “mata-mata” do futebol: dois indivíduos duelariam entre si; um deles morreria; o sobrevivente, não demoraria muito tempo para estar lutando com outro, e, assim, poder-se-ia chegar ao momento em que não sobrasse ninguém. De outra sorte, unindo-se para perseguir a mesma vítima, poderão saciar – embora parcial e temporariamente – sua sede acumulada, encontrando, entre tantas divergências, um motivo “beneficamente” convergente. Assim, o “todos contra todos” gerado pela “armadilha da circularidade mimética”<sup>6</sup> – o círculo vicioso – se converte no “todos contra um”. A paz é restaurada no plano individual e também no coletivo, e a sociedade, finalmente, vê-se unida em prol de uma causa em comum. Girard atribui a esse mecanismo de polarização da violência um caráter fundador porque entende que por meio dele a ordem social, outrora sob ameaça, é reafirmada, ou afirmada, se essa ordem era ainda inexistente; os membros da comunidade se harmonizam, consolidam-se como grupo<sup>7</sup>:

O melhor meio de fazer amigos, em um universo não amigável, é desposar as inimizades, é adotar os inimigos dos outros. O que dizemos a esses outros, nesse caso, nunca varia muito: “Somos todos do mesmo clã, formamos apenas um só e mesmo grupo, pois temos o mesmo bode expiatório”.

---

<sup>5</sup> GIRARD, René. **Vejo a Satan caer como el relámpago**. Traduzido do francês por Francisco Díez del Corral. Barcelona: Anagrama, 1999. p. 43.

<sup>6</sup> GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

<sup>7</sup> Ibid., p. 203.

## 1.2 Os estereótipos persecutórios que definem um “bode expiatório”.

Delineado o cenário no qual surge o “bode expiatório”, e a função que ele assume frente à multidão de perseguidores, pode-se passar ao estudo mais detalhado da figura. Para facilitar sua identificação e entendimento das questões que gravitam em torno dessa vítima, René Girard elaborou o que denomina de “estereótipos persecutórios”: fatores os quais, observados nos acontecimentos e personagens que dele participam, permitem-nos afirmar a existência de uma vítima expiatória. Em sua obra *O Bode Expiatório*, o autor adverte que não tem interesse no estabelecimento do que é bom e do que é mau, e delimita sua pesquisa: “Minha única preocupação é mostrar que existe um esquema transcultural de violência coletiva e que é fácil esboçar, em grandes traços, seus contornos”<sup>8</sup>.

O primeiro estereótipo persecutório, inclusive quanto à lógica e cronologia, é a crise indiferenciadora, fenômeno que representa um sentimento coletivo de confusão. A crise, que culmina em perseguições, pode ser desencadeada até mesmo por eventos da natureza – como uma seca extrema que coloque a população em dificuldades; mas, nessa experiência, o social é sempre o campo de maior relevância. As normas e instituições estruturantes preestabelecem os comportamentos dos homens em sociedade, objetivando que as trocas entre eles ocorram sem grandes conflitos: atribui-se a um e outro indivíduos diferentes papéis em relação a status familiar e hierarquia. Tais distinções constituem o próprio sistema cultural, que se manterá estável enquanto aquelas regras forem observadas. Quando as instituições se enfraquecem, as diferenças por elas determinadas perdem seus contornos, e, sem a determinação prévia de como as trocas sociais ocorrerão, os indivíduos se encarregam diretamente dessa tarefa. Assim, os sujeitos se aproximam uns dos outros, conferindo personalidade às tratativas; as impressões, sejam boas ou ruins, se aceleram, porque são reflexo imediato das pessoas que estão em contato, não há a intermediação “desresponsabilizadora” das instituições<sup>9</sup>.

As regras ora enfraquecidas evitavam o desencadeamento da violência mimética, constituindo-se em verdadeira proteção aos homens, pois, quando bem

---

<sup>8</sup> GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004. p. 29.

<sup>9</sup> Ibid., p. 21.

aplicadas nos princípios igualitários, impõem-se como limitação a todos, mantendo estáveis as relações; em contrapartida, os conflitos entre os duplos sempre despertam no imitador a impressão de estar sendo inferiorizado e injustiçado. A multiplicação das trocas agressivas assemelha todos os membros da comunidade afetada; ao desaparecerem as diferenças que as instituições propunham, é a própria ordem que some, permitindo a instalação do caos. Os homens tornam-se “gêmeos da violência”<sup>10</sup>, e passam a se parecer tanto com seu duplo – aquele com quem estão em conflito direto –, quanto com os personagens de outros embates particulares. A violência uniformiza o comportamento de todos ao desencadear um “efeito dominó”. Os homens que vivenciam a crise creem na transgressão exclusiva do outro, nunca na sua. Para cada um, sua forma de agir é a correta, percebem-se diferentes, portanto, mas aos poucos se igualam. É como o sonho de Raskolnikov, em Crime e Castigo, no qual os homens são acometidos por uma moléstia que faz cada um sentir-se mais inteligente do que o outro, agredir-se mutuamente em nome de verdades particulares tidas como únicas, sem nunca chegar a um acordo, e, com isso, sem encontrar ordem alguma – passam a viver no caos<sup>11</sup>.

A multidão, constituída pelos membros indiferenciados da comunidade, diante da carência de ordem, assume com facilidade o papel da instituição enfraquecida; é o momento em que está especialmente tendente à perseguição. A circularidade da violência só pode findar de três formas: 1) perdão, desistência e concordância entre os duplos; 2) ruína completa da comunidade; ou 3) a canalização da agressividade de todos em um só homem, a transmutação do “todos contra todos” no “todos contra um”. O “mecanismo do bode expiatório” é, então, o meio encontrado pelos homens para que a exasperação das rivalidades não extermine a comunidade<sup>12</sup>; a “crise indiferenciadora” é a paisagem-palco disso tudo, dá início à temporada de busca por um culpado.

Mas como a vítima é eleita? Girard sustenta que, embora sejam certas características do sujeito que verdadeiramente acarretam sua escolha como “bode

---

<sup>10</sup> GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. Traduzido por Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

<sup>11</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Crime e Castigo**. 1. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2001. p. 585.

<sup>12</sup> GIRARD, René. **Vejo a Satan caer como el relámpago**. Traduzido do francês por Francisco Díez del Corral. Barcelona: Anagrama, 1999.

expiatório”<sup>13</sup>, a responsabilização ficará mais crível se for atribuído à vítima um crime ou ato comparável capaz de causar reprovação unânime dos membros da comunidade – sendo verdade ou não. É o que René Girard chama de “crime indiferenciador”, a acusação ganha uma fina camada de credibilidade, e esse ligeiro banho de “fatos” já concede aos populares convicção suficiente para que se permitam não querer saber de mais nada, tapar os olhos e os ouvidos, juntando-se aos perseguidores. A exemplo do que ocorre em relação à crise, certos delitos revelam outro aspecto de indiferenciação dos homens, apagam diferenças na medida em que todos têm a idêntica percepção de que o fato imputado à vítima é extremamente nocivo a pilares institucionais, à ordem social. O desrespeito ao líder religioso, aos pais, às crianças, ao Estado, etc. são condutas que aterrorizam a massa pois, instalando-se no seio social, porão em colapso instituições tradicionais. Conforme Girard<sup>14</sup>: “Os mais frequentemente invocados são sempre aqueles que transgridem os tabus mais rigorosos em relação à cultura considerada”. A acusação padronizada – ou, por que não, a tipificação penal das condutas – traz racionalidade ao “mecanismo vitimário” e facilita a adesão de perseguidores.

Nem sempre os perseguidores se preocuparam em revestir a acusação com elementos objetivos. Como René Girard aponta, em sociedades ditas primitivas, para as quais a razão não possuía a relevância que tem para nós hoje, o “pensamento mágico” conduzia livremente a escolha do “bode expiatório” e servia de fundamento para o assassinato de bruxos; por isso, ele entende que, na sociedade contemporânea, o “crime indiferenciador” facilita a vinculação causal da vítima expiatória à crise, não sendo esse, entretanto, o motivo da seleção daquela. Para o antropólogo, “são suas ‘marcas vitimárias’ que destinam essas vítimas à perseguição”<sup>15</sup>. Apesar do elemento supostamente lógico trazido pela atribuição do “crime indiferenciador” – por exigência da nossa época “racional” –, uma multidão que responsabiliza homens comuns por grandes crises, ampliando o potencial lesivo dos bodes expiatórios a um patamar incrível, só pode estar influenciada pelo “pensamento mágico”.

---

<sup>13</sup> GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

<sup>14</sup> Ibid., p. 22.

<sup>15</sup> Ibid., p. 30.

As “marcas vitimárias” constituem o terceiro estereótipo persecutório apontado pelo autor. O “crime indiferenciador” satisfaz aos que precisam de um toque de razão, e os perseguidores estão livres desse requisito, podendo tranquilizar-se e voltar à natureza inconsciente que os levará ao clímax do “mecanismo vitimário”. O terceiro estereótipo é como um pressentimento de assimetria ou anormalidade que coloca o “bode expiatório” à margem do sistema, antes mesmo que a ele seja atribuído qualquer ato verdadeiramente reprovável. Os sistemas comportam diferenças, mas apenas aquelas que concebem. Uma diferença não-catalogável, ou que dificulte a compreensão dos perseguidores, causa a aversão porque não encontra espaço numa estrutura cujo caráter estático e previsível garante a estabilidade. Essa diferença, que não coincide com nenhuma das diferenças entendidas como “normais” no meio ao qual o portador tenta, em vão, inserir-se, sugere a exclusão natural e afinidade com a causa da desordem. Ela coloca a comunidade frente a frente com a relatividade de suas concepções e traz à memória das pessoas que a falência das instituições é concomitante à confusão dos limites outrora impostos.

O “bode expiatório” possui uma característica que o destaca da massa uniforme: a depender do caso, pode ser um fator (1) econômico – extrema riqueza ou pobreza; (2) físico – portar grande beleza, feiura ou deformidades; (3) religioso – como um muçulmano entre cristãos. Não importa tanto de que sorte é o traço, o indivíduo apenas deve ser, de certo modo, estranho ao grupo de perseguidores. René Girard também cita como exemplos os estrangeiros e os recém-chegados<sup>16</sup>. Estes, sobretudo, salientam-se porque chegam quando os costumes já estão bem estabelecidos; seus hábitos diversos parecerão erros, e se tentarem copiar os hábitos locais não o farão com perfeição, originando de imediato a apreensão maniática de todos.

No ápice da crise indiferenciadora (primeiro estereótipo), aquele que melhor se enquadrar nos segundo e terceiro estereótipos (“crime indiferenciador” e “marcas vitimárias”, respectivamente) será o ponto de canalização da violência coletiva (quarto estereótipo). A massa escandalizada, una, uniforme na sua vontade de detectar e apontar o escândalo – obstáculo que impede o sistema de fluir com

---

<sup>16</sup> GIRARD, René; OUGHOURLIAN, Jean-Michel; e LEFORT, Guy. **Coisas Ocultas Desde de a Fundação do Mundo**. Traduzido por Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2009.



“sucesso” –, comporta-se de forma semelhante aos duplos escandalizado<sup>17</sup>. Na esfera interindividual, os duplos representam obstáculo um ao outro, o que os faz empreender a escalada da violência recíproca, ou seja, a revanche cíclica; não é diferente quando todos estão contra um. O “todos”, na realidade, equivale a um apenas, pois seus escândalos passam a ter como única fonte o “bode expiatório” – indivíduo que se transfigura no obstáculo da coletividade pelo seu enquadramento nos estereótipos comentados acima.

A multidão polarizada, indiferenciada – gêmeos da violência –, estanca a vingança mimética dos conflitos interindividuais por meio do “mecanismo vitimário”. Ainda que o crime do qual o “bode expiatório” é acusado seja real e de sua autoria, sendo alvo de agressividade coletiva, terá sua parcela de inocência. O comportamento do grupo se mostra desarrazoado, desproporcional à verdadeira capacidade do perseguido; sua culpa se restringe ao crime, não à crise inteira, como fazem parecer os linchadores<sup>18</sup>. A conduta violenta da massa tem nisso uma natureza inconsciente, pois, sinceramente convencidos de que a vítima é culpada, todos bitolam seu pensamento com a responsabilidade global que a vítima teria sobre a crise; entretanto, o que intimamente os move é a violência particular há muito reprimida. O “bode expiatório” comunitário substitui todos os inimigos que cada membro do grupo poderia ou gostaria ter vitimado nos seus conflitos interindividuais<sup>19</sup>.

Chegado o momento do “todos contra um”, o primeiro a agredir encontrará mais dificuldade, pois não terá modelo de conduta – basilar no comportamento mimético; entretanto, desferido o primeiro golpe, os demais membros do grupo terão a quem imitar, e, a partir de então, todos se lançarão contra o “bode expiatório” encorajando-se de forma mútua<sup>20</sup>. O ciclo de violência mimética se interrompe através do assassinato ou expulsão coletiva do selecionado; livre do elemento que abalava o sistema, a comunidade tem sua ordem restabelecida ou fundada, e a paz prevalece, graças ao “mecanismo vitimário”. Até que nova crise se desenvolva...

---

<sup>17</sup> GIRARD, René; OUGHOURLIAN, Jean-Michel; e LEFORT, Guy. **Coisas Ocultas Desde de a Fundação do Mundo**. Traduzido por Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

<sup>18</sup> GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

<sup>19</sup> GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. Traduzido por Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

<sup>20</sup> GIRARD, René. **Veio a Satan caer como el relámpago**. Traduzido do francês por Francisco Díez del Corral. Barcelona: Anagrama, 1999.

## **SEGUNDA PARTE: A CHACINA DE MATUPÁ.**

### **2.1 Matupá na década de 1990.**

Matupá é fruto do Plano de Integração Nacional, elaborado na década de 1960 para distribuir a mão de obra agrária a lugares “ociosos”, e implementado a partir da década seguinte. O município, criado pela lei estadual n. 5.317/1988, localiza-se em região amazônica, no Estado de Mato Grosso, e dista 700 quilômetros de Cuiabá. Durante as obras da rodovia Cuiabá-Santarém, em meados de 1970, diamantes e ouro foram descobertos na extensão do Rio Peixoto de Azevedo; em decorrência disso mais de dois mil garimpeiros deslocaram-se para a região, junto com fazendeiros e mineradoras. A mata foi derrubada e os rios poluídos<sup>21</sup>. No ano de 1984, a Agropecuária Cachimbo, empresa do Grupo Ometto, projetou a cidade e colonizou o local para formar um polo de exploração de sua atividade<sup>22</sup>; entretanto, o brilho do ouro ofuscou os planos da agropecuária.

A população de Matupá – município que sequer tinha DDD e inexistia em muitos mapas – era flutuante; composta, nos anos 1980/1990, por em torno de quinze mil colonos provenientes de diferentes regiões do país, o número de habitantes alterava-se com a entrada e saída de garimpeiros nômades que por lá passavam em busca de ouro<sup>23</sup>. Os locais viviam frequentemente acometidos por maleita, em estrutura precária e distante dos grandes centros. A violência era rotina na região, pequenos desentendimentos eram suficientes para embates mortais. Os corpos das vítimas de assassinato, quando descobertos apenas depois de entrarem em decomposição, eram enterrados no local onde encontrados. Conforme notícia veiculada pelo Jornal do Brasil publicado em 24 de março de 1991, o promotor Luiz Alberto Esteves Scaloppe estimava que, dos 123 mortos enterrados em Matupá no

---

<sup>21</sup> Informações retiradas do documentário O Brasil grande e os índios gigantes, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dIRTiHt9fsc>>. Acesso em: 20 set. 2013.

<sup>22</sup> Informações extraídas do sítio virtual da Prefeitura de Matupá.: <<http://www.matupa.mt.gov.br/>>. Acesso em: 5 out. 2013.

<sup>23</sup> SOUZA, L. C. D. de. et all. Caracterização dos moradores do município de Matupá. Caminhos da geografia, Uberlândia, v. 8, n. 22, p. 97-104, set/2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/15635/8844>>. Acesso em: 5 out. 2013.

ano anterior, 70% teriam sido assassinados, 10% seriam vítimas de acidentes de trabalho nos garimpos e o restante teria falecido em decorrência de malária<sup>24</sup>.

Aliás, de uma forma geral, o Brasil vivia tempos difíceis. Em 1990, a forte inflação irradiava seus efeitos pelo país; na tentativa fracassada de conter a arrocho monetário, o Governo Federal anunciou, em 16 de março daquele ano, o bloqueio dos saldos de contas correntes, poupança e outras aplicações que fossem superiores à quantia de cinquenta mil cruzados novos – o equivalente a seis mil reais atuais<sup>25</sup>. Além disso, quando, no ano de 1991, foi interposto o Pedido de Intervenção Federal n. 114-5 em face do Estado do Mato Grosso, o funcionalismo do estado não era remunerado havia três meses, repartições fechavam, e máquinas, veículos e serviços públicos estavam sendo paralisados. A delegacia de Polícia Civil de Matupá era mesmo desaparelhada; segundo o delegado, eles não possuíam viatura e contavam com apenas quatro agentes policiais<sup>26</sup>.

## 2.2 A Chacina de Matupá – Todos contra três<sup>27</sup>.

Na noite de 22 de novembro de 1990, em Matupá, no interior do Mato Grosso, falta luz na cidade, que é abastecida por energia gerada a *diesel*. No breu, em horário aproximado das vinte horas, os irmãos Arci e Ivanir Garcia dos Santos, acompanhados de Osvaldo José Bachmann, invadem a casa de Carlos Mazzone, dono de um garimpo, e rendem cinco crianças e duas mulheres – sendo uma delas gestante –, todos membros da mesma família. Os invasores são três forasteiros de passagem. A empregada dos Mazzone aproveita que não foi vista pelos assaltantes e foge para buscar socorro. Policiais civis e militares cercam a residência; aproximadamente trezentos populares, empunhando armas, dirigem-se ao local. Por volta das vinte horas e trinta minutos, inicia-se a negociação com os

---

<sup>24</sup> MOTA, Paulo. Desgraça de Matupá é ouro e chacina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1991. Brasil. p. 14.

<sup>25</sup> CARVALHO, Carlos Eduardo. O fracasso do Plano Collor: erros de execução ou de concepção? **ECONOMIA**. Niterói. Vol.4, No.2, p.283-331, Julho-Dezembro 2003. Disponível em: <[http://www.anpec.org.br/revista/vol4/v4n2p283\\_331.pdf](http://www.anpec.org.br/revista/vol4/v4n2p283_331.pdf)>. Acesso em: 6 out. 2013.

<sup>26</sup> MATO GROSSO. Polícia Civil do Mato Grosso em Matupá. **Relatório do caso Chacina de Matupá**. Matupá, RS, 1991. Disponível em <[http://www.sbdp.org.br/arquivos/material/1291\\_114\\_relatorio.pdf](http://www.sbdp.org.br/arquivos/material/1291_114_relatorio.pdf)>. Acesso em 6 out. 2013.

<sup>27</sup> A narrativa aqui realizada busca sincronizar todos os relatos pesquisados e é estruturada, principalmente, pelos seguintes documentos: reportagens A morte no fogo (revista Veja, 06/7/1991); Fiz uma reportagem (revista Veja, 27/02/1991); Morte em Matupá é o último filme brasileiro (Folha de S. Paulo, 29/03/1991); Desgraça de Matupá é ouro e chacina (Jornal do Brasil, 24/03/1991) e relatório policial do caso Chacina de Matupá.

assaltantes, que exigem cinco milhões de cruzados novos em espécie, armas muniçadas e um carro para fuga, além da garantia de que não serão perseguidos.

Com a chegada do proprietário da casa, todos unem esforços para cumprir as determinações dos invasores; entretanto, o máximo que conseguem arrecadar são quinhentos mil cruzados novos e um quilo de ouro. Assim, é sugerido aos três que, em troca dessa quantia, das armas e de um veículo Del Rey, libertem as crianças com a gestante, mantendo como refém a outra mulher, mas a proposta é recusada. Prosseguem-se as tratativas madrugada adentro; depois, continuam pela manhã do dia seguinte.

São cerca de nove horas do dia 23, quando Edyr Bispo dos Santos, capitão da Polícia Militar lotado no município de Alta Floresta – há 130 km de Matupá –, chega ao local, acompanhado de mais agentes de segurança pública. Comandados a partir daí pelo capitão Edyr, os policiais invadem a residência para, mais de perto, tentar sucesso no acordo com Osvaldo, Arci e Ivanir. Do lado de fora da casa, a multidão excitada só aumenta, e o ódio que a toma também; os assaltantes já sentem medo de ser linchados. Um repórter grava Ênio Carlos Lacerda, delegado de Peixoto de Azevedo, e o capitão combinarem em baixo tom de voz a execução dos três homens. À pergunta dos soldados se iriam “fazer” – expressão que significaria matar – os assaltantes, Ênio responde: “depois, mais na frente nós fazemos”<sup>28</sup>.

O cinegrafista amador Lino José Dürrewald filma a operação. Edyr diz a aos invasores: “Eu te dou garantia. Eu retiro esse pessoal daí. Eu te levo para lá, rapaz. Seria muita covardia matar vocês agora. [...] Larga de bobagem, rapaz, você me entrega a família e sai vivo”<sup>29</sup>. Os ladrões, primeiro, aceitam trocar de reféns, liberam a família de Carlos Mazzone e, no lugar deles, fica Adário Martins de Almeida – prefeito da cidade, e Adele Schwalen – uma freira alemã que cuida dos infectados por malária. Mais negociações. Após cerca de quinze horas de tratativas, os assaltantes se rendem e são conduzidos ao carro Opala do prefeito, enquanto o povo grita, em coro ritmado, “Mata! Ma-ta! Ma-ta...!” No momento em que estão

---

<sup>28</sup> Trecho de voto proferido pelo desembargador do Tribunal de Justiça do Mato Grosso, Antônio Bitar Filho (p. 3), em sentença datada de 04 de abril de 2001, nos autos do recurso em sentido estrito n. 1.290/99, interposto por Ênio Lacerda contra o Ministério Público.

<sup>29</sup> Áudio e vídeo de reportagem televisiva transmitida pela Rede Record em 2011; trechos: 00'00"38 a 00'00"46, e 00'00'56 a 00'00'59. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=iVpMvMDNo5w>>. Acesso em: 6 out. 2013.

sendo colocados pelos policiais dentro do veículo, ouvem-se tiros e todos se agacham assustados – inclusive os agentes da polícia, mas ninguém é acertado<sup>30</sup>. A freira Adele questiona onde estão os quinhentos mil cruzados novos prometidos ao trio; não lhe dão ouvidos. A filmagem de Lino é cortada nessa parte.

Durante a manobra de libertação dos reféns, atuaram vinte e quatro policiais; na continuação, atuam cinco. São, aproximadamente, onze horas da manhã. Um integrante da comunidade dirige o carro do prefeito, transportando os assaltantes e um soldado. À frente, levando quatro policiais militares, uma viatura do município de Colíder faz a escolta. Antes da partida, o prefeito Adário – o qual ficou na casa dos Mazzonetto – acionara um mecanismo de seu veículo, fazendo com que o combustível fosse interrompido. O Opala para de funcionar algumas quadras distantes da casa invadida. Parte da multidão os alcança; a polícia transfere os três para o Voyage de um sujeito que passa no momento e segue em direção ao aeroporto. Os assaltantes devem ser embarcados rumo a outra cidade, já que a delegacia de Matupá é uma casa residencial comum e não lhes oferece segurança em relação à massa sedenta por “justiça”. A filmagem reinicia, os policiais da escolta aguardam no aeroporto matupaense, onde o avião aterrissa. Novo corte. Agora a gravação mostra os presos deitados e feridos; um deles, Arci, está respondendo o interrogatório de alguém<sup>31</sup>:

- Por que vocês assaltaram?
- Por falta de dinheiro – disse o assaltante.
- É o seu primeiro assalto?
- É a primeira vez.
- Vocês iam matar os reféns?
- Não, eu estava até com dó das crianças.
- Toda a população está revoltada. O que vocês estão pensando?
- Estou com medo de morrer.
- E vocês não pensaram nisso antes de fazer o assalto? Não pensaram em trabalhar para ganhar dinheiro, ao invés de roubar a casa de uma pessoa honesta?
- A firma em que eu trabalhava não me pagava tinha dois meses.

Alguém repreende o interrogado por falar com o rosto voltado para o chão: “Fala para a câmera, vagabundo!” Outro preso é levantado por um policial que o

---

<sup>30</sup> Conforme imagens transmitidas pela Rede Record em 2011; trecho: 00'01"13. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=iVpMvMDNo5w>>. Acesso em: 6 out. 2013.

<sup>31</sup> A MORTE no fogo. **Veja**, São Paulo, ed. 1.168, ano 24, n. 6, pp. 77-78, 6 fev. 1991. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>>.

segura pelo colarinho da camisa ensanguentada. Ouve-se “Mata!”, “Vamos linchar!” Arci leva um chute do soldado, e os três ladrões são empurrados de volta ao Voyage. A polícia não quer ou não consegue embarcá-los na aeronave. Câmera de Lino Dürrewald desligada; retoma-se a procissão: “escolta”, carro condutor e perseguidores seguem em direção à BR 163. No trevo da rodovia Cuiabá-Santarém, um veículo se atravessa, obstando a passagem do carro que conduz os presos, e o povo impede o retorno dos quatro policiais que estão na viatura. Para o momento seguinte há conflito de relatos: conforme o relatório policial, os assaltantes, vendo-se sem escolta e cercados pela massa enfurecida, teriam começado a gritar pedindo aos condutores que lhes fossem retiradas as algemas, a fim de que pudessem correr; sem as algemas, Arci, Ivanir e Osvaldo teriam fugido para o lado oposto ao qual, em tese, correram soldado e motorista. Entretanto, segundo outros relatos, a polícia decide espontaneamente retirar as algemas dos presos e os mandar correr.

De acordo com a segunda versão, a polícia teria dado um tiro na cabeça de cada um dos dois primeiros que tentaram escapar por entre o povo. Um deles morre, seus miolos vazam pela racha provocada pelo projétil; o outro agoniza; o terceiro a correr é alvejado nas pernas e na coluna. O cinegrafista amador volta a filmar. Não há mais polícia, foram embora. O povo arrasta e empilha os três homens, um popular pisoteia o pescoço de Ivanir – aquele que agonizava –, terminando com a vida que estava por um fio. Arci sobrevive para o que virá. Um sujeito chuta o trio até lesionar o pé; Valdemir, o “Padeirinho”, crendo estar em frente aos mesmos homens que, dias atrás, invadiram sua casa e estupraram sua esposa, aproxima-se da pilha humana e sobre ela joga gasolina. Ao incentivo do coro que diz “toca fogo, toca fogo” e “queima, queima”, engrossado por vereadores presentes, alguém atea fogo aos corpos. Arci dá um sobressalto desesperado, agitando bruscamente as pernas no ar, a massa bate palmas e brada “Viva Matupá!”, “Viva a Polícia!”

A vítima resiste, intercalando gritos e gemidos. O diálogo subsequente teve sua degravação publicada na revista *Veja*<sup>32</sup>:

- Ai, meu pai – murmurou Arci.
- Quem tem um revólver aí? Ele já sofreu o suficiente – disse alguém.
- Não, deixa morrer devagarzinho – retrucou outro.

---

<sup>32</sup> A MORTE no fogo. *Veja*, São Paulo, ed. 1.168, ano 24, n. 6, p. 78, 6 fev. 1991. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>>.

- Meu pai do céu. Deixa, pai, deixa que eu morra. Deixa, paizão – implorou o assaltante.
  - Pede perdão, rapaz – ordenou um homem.
  - Perdão – obedeceu Arci.
  - Pede perdão para Deus.
  - Perdão, por tudo o que fiz.
  - Quer ir para o hospital? Se você ficar bom, vai fazer outra coisa dessas? – indagou o mesmo homem.
  - Éh, gente, para com isso – pediu uma mulher.
  - Quem é o mandão do crime? Fala o nome dele – prosseguiu um morador, cuja aba do boné aparecia no lado esquerdo da tela.
  - É da polícia – garantiu o bandido.
  - Que polícia? Qual o nome?
  - Neco – disse Arci.
  - Deco? Como é o nome? Neco? É da polícia?
  - É.
  - É daqui de Matupá?
  - Não. Terra Nova.
  - É polícia civil ou militar?
- O bandido não conseguiu responder.
- Você tem que conversar enquanto é tempo. Se não falar, ninguém o leva para o hospital – disseram para o assaltante.
- Os moradores concluíram que o mandante chamava-se Neco e era policial civil da cidade vizinha de Terra Nova.
- Colabora com a gente – recomeçou o homem de boné.
  - Agora não adianta. Tenho mais é que morrer – afirmou o assaltante.

Dürrewald, o cinegrafista, desliga a câmera. Cansado, no momento em que os linchadores resolvem separar o sobrevivente dos corpos das outras duas vítimas, pensa em desistir da gravação; mas volta a filmar a tempo de capturar mais uma pergunta: “Se tivesse uma chance, você ia trabalhar?”<sup>33</sup> Não há mais chance, a vítima sabe e se limita a murmurar. Está apenas de cueca, pois suas calças queimaram completamente, revelando as joias antes guardadas nos bolsos. Um vereador recolhe os adornos. Após vinte minutos resistindo ao fogo, finalmente falece.

### **TERCEIRA PARTE: A CHACINA DE MATUPÁ À LUZ DOS ESTEREÓTIPOS PERSECUTÓRIOS.**

---

<sup>33</sup> A MORTE no fogo. **Veja**, São Paulo, ed. 1.168, ano 24, n. 6, p. 78, 6 fev. 1991. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>>.

### 3.1 Efeitos de um Estado distante – a crise instalada (1ª estereótipo).

Crise e ordem são opostos, e Matupá nasceu em meio à crise. *Oriri* é um vocábulo latino que significa “nascer, sair, levantar-se, surgir”, desse termo vem, por exemplo, “origem”. Ainda no latim, de *oriri* surge *ordiri*, “começar”, e, deste, *ordo*, “arranjo de elementos feito conforme certos critérios”, “exigência de disposição regrada de elementos, comando”<sup>34</sup>. Ao assumir, em 1984 a colonização da região, o Grupo Ometto protocolou junto ao INCRA um projeto urbanístico que visava transformar Matupá em um polo para a atividade agropecuária<sup>35</sup>. Embora o projeto estivesse em harmonia com as intenções que o Governo Militar possuía de tornar produtivos os espaços “vazios” do Brasil, ignorou-se a preexistência de uma crise surgida nos idos de 1970, quando descoberto ouro no rio Peixoto de Azevedo, um dos limites do município. O Plano de Integração Nacional mal havia sido lançado e já dava sinais de fracasso, pondo às claras a impotência estatal perante aquele território.

É que a descoberta do mineral dourado e precioso revelou-se semente da desordem, alterando o foco dos colonos e fazendo com que outros sujeitos se dirigissem aos arredores do rio já com a intenção de garimpar. O desejo mimético despertado pelo ouro dominou os habitantes do local, e o esgotamento sistemático do produto levou os garimpos a se espalharem cada vez mais pela cidade em busca de novas minas. Essas circunstâncias obstruíram a tentativa de organização trazida pelo projeto urbanístico de Matupá.

A riqueza da região provocava grande fluxo de forasteiros na cidade, os assaltos eram constantes, assim como os assassinatos; mas os crimes não eram solucionados, tanto em razão do trânsito intenso de sujeitos que partiam sem que se soubesse deles mais do que o apelido, quanto porque o município dispunha de apenas quatro agentes policiais lotados em uma delegacia desaparelhada. A diferença entre os policiais e os civis de Matupá se limitava ao uso de uniforme por aqueles; o porte de arma, que, pela noção convencional, caracteriza um policial, era

---

<sup>34</sup> ORIGEM das palavras organização e ordem. **Origem da palavra.** Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/ordem/>>. Acesso em: 5 out. 2013.

<sup>35</sup> PREFEITURA DE MATUPÁ. **História do município.** Disponível em: <<http://www.matupa.mt.gov.br/>>. Acesso em: 5 out. 2013.



um ponto de semelhança entre os dois grupos, e não de distinção. Estavam iguais, portanto, como ficam os homens nas “crises indiferenciadoras”.

Quando, no dia 22 de novembro de 1990, a casa dos Mazzonetto foi invadida, os moradores da cidade foram pessoalmente, com escopetas e pistolas, reforçar o corpo policial tão minguado quanto irrespeitável. Policiais tão indignos de respeito e desprovidos de autoridade, que, ao conduzirem os invasores de dentro da casa para o Opala, precisaram desviar dos tiros endereçados de um jeito “meio torto” aos ladrões.

Na realidade, diversas crises contribuíram para o colapso de Matupá nos anos 1990. Mesmo a Guerra do Golfo produzia seus efeitos nessa comunidade isolada<sup>36</sup>: no momento em que os três forasteiros renderam os Mazzonetto – aproximadamente às 20 horas –, a energia da cidade, gerada a *diesel*, já havia sido cortada, por medida de racionalização dos derivados de petróleo, em decorrência daquela guerra distante. No cenário nacional, afetadas pelo Plano Collor, as indústrias do país tomavam medidas como reduzir a produção e demitir seus funcionários<sup>37</sup>. O assaltante Arci, por exemplo, interrogado por um popular, alegou que há dois meses não era remunerado pela empresa em que trabalhava. Mas a recessão econômica nacional e a Guerra do Golfo eram questões sobre as quais os habitantes de Matupá não poderiam agir, de forma que suas atenções voltaram-se para as questões locais.

O comportamento das autoridades políticas matupaenses também é digno de análise. Em 1988, Matupá foi elevado a município, passando a ter eleições para prefeito e vereadores; entretanto, assim como o projeto urbanístico da cidade não foi capaz de desconstituir o caos já instalado naquelas terras, investir em cargo político alguém cuja conduta se consolidou desregrada – ainda que essa investidura ocorra de forma legal – não é o mesmo que concedê-lo noções de ordem, leis e princípios. O Capitão Edyr, o qual conduziu com sucesso a operação que libertou os reféns, declarou à câmara de Lino Dürrewald: “Agir com cautela. Há vidas humanas em

---

<sup>36</sup> ALMEIDA, Denise de. A guerra transmitida pela TV. **Hoje na história**, 17 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=11112>>. Acesso em: 19 out. 2013.

<sup>37</sup> DE TONI, Miriam. Plano Collor e trabalhadores: um cenário de cores incertas. **Indicadores Econômicos**, Porto Alegre: FEE, v. 18, n. 1, ABR/90. p. 87. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/296/512>>. Acesso em 5 Out. 2013.

jogo. Uma questão de nobreza, sou pai de família. Trata-se da honra do prefeito, etc”<sup>38</sup>. O que um policial lotado em Alta Floresta deve à honra do prefeito de Matupá? Não haveria de ser nada que tivesse respaldo legal. Cruzando essa frase com a informação de que o capitão teria combinado com seus soldados a execução posterior dos bandidos, a interrupção do combustível do Opala, provocada pelo prefeito Adário, adquire um viés ainda mais suspeito. Proatividade clandestina. Matupá era visivelmente carente de regramento, e se o contrário de ordem é crise, eis o que vivia o município.

### **3.2 A ameaça forasteira contra a família nuclear matupaense – “crime indiferenciador” e “marcas vitimárias” (2º e 3º estereótipos).**

Violência disseminada em níveis insuportáveis. Sede de vingança sempre latente. O sangue dos matupaenses fervia no “todos contra todos”. Osvaldo, Arci e Ivanir não poderiam ter feito escolha pior quanto às vítimas. Carlos Mazzonetto, migrara de Frederico Westphalen, no Rio Grande do Sul, fixando-se em Matupá com a família. O proprietário da casa invadida explorava uma mina de ouro descoberta em seu sítio<sup>39</sup>, e fazia doações às obras de caridade da região. Simbolizava, assim, o colono honesto e trabalhador, com o qual todos os munícipes que se considerassem homens “de bem” poderiam se identificar.

Carlos, a esposa Eleni e seus quatro filhos constituíam uma clássica família nuclear<sup>40</sup>. Afetá-los foi um golpe em uma das únicas noções de ordem existentes em Matupá. Os assaltantes gritavam com os reféns, dizendo que matariam uma criança por vez. O fato de o crime envolver crianças e uma grávida inflou ainda mais a indignação popular, pois seres dessas qualidades além de parecerem especialmente frágeis, remetem à ideia de recomeço, esperança e continuidade familiar. A conduta

---

<sup>38</sup> JABOR, Arnaldo. Morte em Matupá é o último filme brasileiro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 mar. 1991. Brasil, p. 1.

<sup>39</sup> MARCELO, Antônio. Moradores de Matupá apontam líderes da chacina dos ladrões. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 fev. 1991. Polícia, p. 24.

<sup>40</sup> LEGNANI, V. N. et al. Família Nuclear: um ideário de proteção contra a violência. **Anais do XV ENABRAPSO**. Macéio, 2009. Disponível em <[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/276.%20fam%CDlia%20nucl ear.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/276.%20fam%CDlia%20nucl ear.pdf)>. Acesso em 5 out. 2013.p. 2.

dos três forasteiros representou, assim, um “crime indiferenciador”, capaz de conduzir todos os membros da multidão ao juízo unânime de abalo a um pilar social.

Conforme já foi visto, para que a massa cometa um assassinato coletivo, não é essencial que se atribua um “crime indiferenciador” ao “bode expiatório”. Entretanto, no caso analisado nesse trabalho, os “bodes expiatórios” realmente praticaram o crime. Se a mera acusação já é fator de estímulo aos perseguidores, quando o povo assiste ao fato, vê com os próprios olhos os realizadores, muito mais facilidade tem de se juntar para perseguir.

Os três ladrões estavam apenas de passagem por Matupá. Não pertenciam àquelas terras, nem tinham o objetivo de pertencer; não possuíam vínculos positivos com ninguém na cidade. Ao entender dos comunitários, eles representavam uma classe de pessoas que impedia a paz, a ordem e o progresso da região; forasteiros, como muitos outros que por lá transitavam sem contribuir com nada, sem firmar qualquer tipo de compromisso com a comunidade, deixando apenas rastros indesejados. A população sentia que, pela própria condição aleatória dos forasteiros, eles jamais fariam parte do sistema local, e a estabilidade é requisito básico às estruturas. Esse não pertencimento à comunidade, o fato de serem forasteiros, os diferenciava, essa era a “marca vitimária” dos três transgressores. Embora o número de garimpeiros itinerantes no município fosse elevado, a autonomia e fluidez que lhes eram características impediam que se tornassem um grupo.

Os moradores de Matupá, por mais desordenados que fossem, possuíam uma certa estabilidade como diferencial. Eram habitantes fixos, conheciam-se e, com isso, continham um potencial colaborativo. Os homens que renderam a família Mazzonetto eram dotados da fragilidade conveniente aos perseguidores; o laço mais forte de que gozavam na cidade estava neutralizado – Arci e Ivanir eram irmãos, talvez Osvaldo de ambos, mas todos estavam encurralados, ninguém os vingaria.

### **3.3 Linchados e queimados – o assassinato coletivo (4º estereótipo).**

Quando, cercando o imóvel, a população passou a bradar “mata, mata”, a sentença estava prolatada. As quinze horas de negociação foram tempo mais do que suficiente para que ficasse muito bem definido que eles eram os “outros”. É esse o momento no qual os criminosos começaram a se transmutar em vítimas; iniciou-se o processo que culminaria em um castigo completamente desproporcional.

A comunidade matupaense finalmente iria dar sua resposta a todos os forasteiros, utilizando-se da pele de apenas três: as vítimas expiatórias personificaram a causa do caos na cidade. Os indivíduos que compunham a multidão não foram diretamente atingidos pelo crime ocorrido, mas substituíram desafetos particulares pelos invasores; a paixão que moveu o povo ao assassinato dos forasteiros foi recheada por lembranças pessoais de crimes passados, cometidos por outros sujeitos que não aqueles três. É isso que se depreende do relato que Lino Dürrewald fez sobre Matupá e a chacina, para a revista *Veja*<sup>41</sup>. Segundo o cinegrafista amador, era comum encontrar cadáveres pelas ruas da cidade, e todas as famílias da região possuíam histórias de estupro, assassinato ou assalto a parentes ou vizinhos para contar.

Diferentes agressores haviam provocado, ao longo do tempo, em cada indivíduo do município, o desejo de vingança. Sem ter aqueles ao seu alcance, o povo de Matupá terminou os substituindo, pois “a violência não saciada procura e sempre acaba por encontrar uma vítima alternativa”<sup>42</sup>. A vítima expiatória é eleita por puro mimetismo<sup>43</sup>, ou seja, não há acordo prévio, concordâncias explícitas; o número de perseguidores e sua fúria estimulam naturalmente a adesão de novos membros à massa, pois, conforme explica Milton Gustavo Vasconcelos, “O simples fato de ser perseguido assina a veracidade das acusações e legitima toda sorte de violência”<sup>44</sup>. Então, quando no relatório policial é descrito que “a situação se tornava, a cada minuto que passava, insustentável, com a multidão armada aumentando a todo instante”<sup>45</sup>, está-se falando do mimetismo provocado pelo primeiro grupo que cercou a casa. Dessa maneira, a comunidade se uniu gradativamente, transformando o “todos contra todos” no “todos contra um” – nesse caso, três.

---

<sup>41</sup> Revista *Veja*. **Fiz uma reportagem**. Publicado em 27/02/1991. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>>.

<sup>42</sup> GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. Traduzido por Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990. p. 14.

<sup>43</sup> GIRARD, René. **Veio a Satan caer como el relámpago**. Traduzido do francês por Francisco Díez del Corral. Barcelona: Anagrama, 1999.

<sup>44</sup> BARBOSA, Milton Gustavo Vasconcelos. **A expansão penal na República de 1988: A ilusão mítica e os efeitos da revelação**. Porto Alegre. Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013. p. 28, nota 108.

<sup>45</sup> MATO GROSSO. Polícia Civil do Mato Grosso em Matupá. **Relatório do caso Chacina de Matupá**. Matupá, RS, 1991. Disponível em <[http://www.sbdp.org.br/arquivos/material/1291\\_114\\_relatorio.pdf](http://www.sbdp.org.br/arquivos/material/1291_114_relatorio.pdf)>. Acesso em 6 out. 2013.

Se é verdade que Edyr, capitão da Polícia Militar, e o prefeito Adário contribuíram de forma velada para o assassinato coletivo, fizeram-no aproveitando-se da ira já encrustada no povo; para atingir seu objetivo sem sujar as mãos, teriam utilizado como ferramenta “uma massa eminentemente manipulável, ou seja, de pessoas suscetíveis de se deixar prender no sistema da representação persecutória, pessoas capazes de crença sob o aspecto do bode expiatório”<sup>46</sup>. Passado o transe, é possível que os populares tenham, inclusive, concluído que lhes fizeram de fantoches; mais de dois meses depois da chacina, um morador não identificado de Matupá declarou ao jornal O Estado de S. Paulo: “Adário tem que tomar cuidado. Aqui há muita gente que espera sua volta só para assistir à sua morte”<sup>47</sup>.

Os perseguidos seriam levados a outra cidade, o avião os esperava, mas a comunidade entendeu que a expulsão não era o bastante. O povo seguiu o carro no qual estavam os bodes expiatórios, ratificando sua disposição de linchá-los. Ainda dentro do veículo, os condutores espancaram os presos; no entanto foi ao balearem cada um dos três que assinaram sua unidade com a massa e deram a bandeirada para o início das torturas. “Viva Matupá! Viva a polícia!” Estimulados pela adesão policial, os matupaenses deram continuidade a sua violência cega, mergulhados na ilusão de que faziam justiça. Na realidade, como é característico às turbas, não sabiam o que faziam. Valdemir Bueno, ou “Padeirinho”, o homem que aparece no vídeo da chacina jogando gasolina nos forasteiros, disse à revista Veja: “Eu gritava como as outras pessoas, mas não sei direito por quê”. Sobre o que sentiu depois, alegou: “Achava que tinha feito a coisa certa e contei tudo para a minha mulher”<sup>48</sup>.

Sob gritos de “queima, queima”, um galão de gasolina foi entregue a Valdemir Bueno. Ao despejar o combustível sobre os homens, o padeiro deu à massa o modelo até então inexistente; logo alguém riscou um fósforo e lhes ateou fogo. Alucinado de dor, Arci obedece à ordem de um popular e pede perdão a Deus. Cenas de um verdadeiro sacrifício. De forma semelhante ao que ocorre no relato

---

<sup>46</sup> GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004. p. 56.

<sup>47</sup> MARCELO, Antônio. Moradores de Matupá apontam líderes da chacina dos ladrões. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 fev. 1991. Polícia, p. 24. Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19910207-35577-nac-0024-999-24-not>>. Acesso em 5 out. 2013.

<sup>48</sup> OS HOMENS de bem. **Veja**, São Paulo, ed. 1.176, ano 24, n. 14, p. 47, 3 abr. 1991. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>>. Acesso em 6 out. 2013.

bíblico sobre Jó, quando seus “amigos” tentam convencê-lo a confessar culpa<sup>49</sup>, Deus, aqui, legitima a ação do perseguidor, figurando também como elemento de expiação da carga contida no ato violento. Não era em nome de Deus que falava o cidadão imperativo, mas da comunidade. A ordem ali proferida transmitiu uma vontade puramente mundana

Pedindo perdão – tanto faz se a Deus ou ao povo – o forasteiro também acaba por confessar indiretamente sua culpa. Os lúcidos sabem, confissão da culpa não é garantia da verdade; mas, em um processo no qual a acusação vale mais do que os fatos, a confissão é a “rainha das provas”. Por isso sua importância aos perseguidores: ela atesta “cabalmente” que o povo tem razão no que faz. Nas palavras de Wilson Franck Jr. e Milton Gustavo Vasconcelos<sup>50</sup>:

A confissão tem uma importância central nos ritos sacrificiais, pois *redime os perseguidores e expõe a infalibilidade de sua Justiça*. A confissão, portanto, é a garantia da perfeição do mecanismo vitimário, que, nesse caso, não deixaria margem a contestações e, ainda, permitiria a realização da catarse coletiva à custa do bode expiatório. Portanto, para que o ciclo da violência unânime se feche, é necessária também a adesão da vítima [...]

Depois que a última gota de alma abandonou o corpo machucado de Arci, os linchadores foram cuidar de seus afazeres, extasiados pelo efeito catártico do evento<sup>51</sup>. Um dos participantes, que se machucou chutando as vítimas, andava pela cidade exibindo, orgulhoso, o pé enfaixado. Estabelecimentos comerciais passaram a ostentar fotos da tortura; o proprietário de um deles alegou que a finalidade era fazer quem pretendesse assaltar gente de bem pensar, antes, duas vezes<sup>52</sup>. Somente cerca de dois meses e meio depois, quando o fato ganhou repercussão nacional e internacional, a legitimidade do assassinato passou a ser questionada – pois a população de Matupá, embora divergisse quanto aos meios empregados, concordava de forma uníssona com a morte dos três homens.

---

<sup>49</sup> GIRARD, René. **A rota antiga dos homens perversos**. Traduzido por Tiago Risi. São Paulo: Paulus, 2009. p. 31-32 e 33.

<sup>50</sup> FRANCK JR, Wilson; BARBOSA, Milton Gustavo Vasconcelos. A confissão do acusado e o fechamento do ciclo de violência mimética: para além do platonismo cultural das instituições jurídicas. In: 3º Congresso Internacional de Ciências Criminais da PUC-RS, 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012. p. 12.

<sup>51</sup> Valdemir Bueno, o “Padeirinho”, por exemplo, segundo reportagem publicada na Veja de 3 de abril de 1991, às 14 horas, voltou para seu estabelecimento comercial.

<sup>52</sup> O ESTADO de S. Paulo, 1991 apud Witter, 2004, p. 19.

O aspecto fundador da chacina se revelou: Matupá, antes desconhecida, apareceu no mapa. O padre José Tencate, de Cuiabá, foi quem encaminhou uma cópia da filmagem de Lino Dürrewald ao escritório do Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos, em Brasília. Depois, a gravação chegou ao Ministério da Justiça, que a enviou para a Anistia Internacional, em Londres. O caso também foi ao Supremo Tribunal Federal, por meio do pedido de intervenção federal n. 114-5/MT, pleiteado pelo procurador-geral da República, mas indeferido. Ainda em 1991, Arlindo Capitani, integrante da massa e então vereador de Matupá, declarou à revista *Veja*<sup>53</sup>: “Foi um acontecimento necessário para chamar a atenção das autoridades para o problema da cidade”. Ele não imaginava que a fundação violenta de Matupá teria um efeito colateral permanente: essa mancha de sangue jamais desbotaria. O povo matupaense ficou estigmatizado, e, passados mais de vinte anos, quem reconhece o nome do município logo lembra da chacina.

Esse estigma consolida nova crise, para a qual são necessários novos bodes expiatórios. Em 2011 – quando já falecidas testemunhas importantes como o delegado Osvaldo Florentino e a freira Adele Schwalen –, dezessete civis foram a júri popular. O rito aconteceu em Matupá, terminando com a condenação de três pessoas, entre elas, o “Padeirinho”<sup>54</sup>. O julgamento dos sete réus do processo penal militar ainda não ocorreu, mas, neste ano, deferindo recurso interposto pela defesa do capitão Edyr, a primeira câmara criminal do Tribunal de Justiça do Mato Grosso anulou a sentença de pronúncia por “absoluta falta de fundamentação”, declarando prescrito o crime e extinta a ação penal<sup>55</sup>. O judiciário visivelmente fracassou na sua missão de monopolizar a vingança; a pegou para si e não soube o que fazer. Duas décadas depois, esse prato foi servido mais do que frio. O receio, então, é de que seja requentado por mecanismos mais rápidos, sobretudo por não ter havido desaforamento. Como é de saber popular, nas pequenas cidades, o que se conta

---

<sup>53</sup> OS HOMENS de bem. **Veja**, São Paulo, ed. 1.176, ano 24, n. 14, p. 47, 3 abr. 1991. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>>. Acesso em 6 out. 2013.

<sup>54</sup> AQUINO, Bel. Chacina de Matupá - Matupá/MT (1990) - 2ª edição. **Teratologia Criminal**. Rio de Janeiro, 22 jun. 2013. Disponível em <<http://teratologiacriminal.blogspot.com.br/2013/06/chacina-de-matupa-matupamt-1990-2-edicao.html>>. Acesso em 19 out. 2013.

<sup>55</sup> MATO GROSSO, Tribunal de Justiça. Recurso em Sentido Estrito n. 48.705/2012 da Primeira Câmara Criminal, Cuiabá, MT, 19 de fevereiro de 2013. **Diário da Justiça**, Cuiabá, MT, 11 mar. 2013.

para um logo é sabido por todos. Um novo ciclo de vingança mimética estaria por começar? Só tempo dirá.

## **CONCLUSÃO**

Ao longo da presente pesquisa, foi possível confirmar a perfeita aplicabilidade da teoria do “bode expiatório” à Chacina de Matupá. Em análise minuciosa, constatou-se que os habitantes de Matupá encontravam-se em estado de “indiferenciação”, gerado pela crise própria do município e por outros problemas enfrentados, na década de 1990, em âmbito nacional – como a recessão econômica que assolava o Brasil –, e mundial – a exemplo da Guerra do Golfo Pérsico. Foi identificado com sucesso, portanto, o primeiro estereótipo proposto por Girard: a “crise indiferenciadora”.

Além disso, conclui-se que os assaltantes linchados preenchem o segundo estereótipo, as “marcas vitimárias”: eram forasteiros, pertenciam a uma minoria que, além de ser mal integrada – o que lhes dotava da vulnerabilidade necessária para ser um “bom” alvo da massa –, não criava vínculos sólidos de nenhum tipo com o município, muito menos com seus moradores, restando completamente diferenciada destes.

A conduta duplamente símbolo de desorganização que foi atribuída aos três errantes identifica-se com o terceiro estereótipo, o “crime indiferenciador”. O assalto praticado contra os familiares do dono de garimpo Carlos Mazzonetto, além de representar uma das principais origens da desordem de Matupá – pois a cidade nascera em meio à violência mimética desencadeada pelo ouro, e jamais conseguiu se organizar –, também ameaçou uma instituição tradicional, a família nuclear, ideia clássica de ordem.

Nunca houve dúvidas em relação ao enquadramento da chacina no quarto estereótipo – assassinato ou expulsão coletiva –, pois o episódio até filmado foi; entretanto, com o auxílio do pensamento girardiano, pôde-se aqui melhor analisar o funcionamento da violência de grupo. Uma vez que foram identificados todos os quatro estereótipos elaborados por René Girard, podemos afirmar, com segurança, que as vítimas tratavam-se de bodes expiatórios.

Dessa forma, o estudo de caso aqui realizado cumpriu sua finalidade, obtendo resposta positiva para todas as hipóteses lançadas na introdução, e



comprovou que a teoria do bode expiatório, estudada por pesquisadores de inúmeras áreas – psicólogos, antropólogos, teólogos, sociólogos, etc. – amplia conhecimentos acerca do comportamento humano, aprimorando, com isso, a interpretação que os operadores do Direito darão a leis e fatos.

## **THE SCAPEGOAT THEORY, BY RENÉ GIRARD, APPLIED TO THE MATUPÁ'S SLAUGHTER.**

**Abstract:** This paper analyzes the lynching known as Matupá's Slaughter, through the application of the four "persecutory stereotypes", proposed by René Girard in his book "The Scapegoat". In the first chapter, Girard's thinking is briefly presented to the reader; then we move up to a detailed description of the elements that allow the identification of a "scapegoat", namely: "indiferenciated crisis"; "indiferenciated crimes"; "victim's marks" and violence or collective expulsion. The second chapter discussions are about the origin of the city of Matupá / MT – Brazil, and its socio-cultural characteristics in the 1990s, starting up, then to the detailed account of Matupá's Slaughter. In the third chapter is performed the analysis of the case study, in the light of "stereotypes of persecution."

**Keywords:** Girard. Scapegoat. Victimage mechanism. Indiferenciated crises. Victim's marks. Indiferenciated crimes. Matupá's Slaughter. Lynching.

## **REFERÊNCIAS**

8 MATÉRIA Justiça quer levar a júri os acusados de Chacina de Matupá após 21 anos. **Rede Record**. São Paulo, 2011.0'04"54. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9wpWebG6BDY>>. Acesso em: 19 out. 2013.

ALMEIDA, Denise de. A guerra transmitida pela TV. **Hoje na história**, 17 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=11112>>. Acesso em: 19 out. 2013.

A MORTE no fogo. **Veja**, São Paulo, ed. 1.168, ano 24, n. 6, pp. 77-78, 6 fev. 1991. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>>. Acesso em: 6 out. 2013.

ANISTIA deverá apurar crimes. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2 fev. 1991. Polícia, p. 14.

AQUINO, Bel. Chacina de Matupá - Matupá/MT (1990) - 2ª edição. **Teratologia Criminal**. Rio de Janeiro, 22 jun. 2013. Disponível em:

<<http://teratologiacriminal.blogspot.com.br/2013/06/chacina-de-matupa-matupamt-1990-2-edicao.html>>. Acesso em: 19 out. 2013.

BARBOSA, Milton Gustavo Vasconcelos. **A expansão penal na República de 1988**: A ilusão mítica e os efeitos da revelação. Porto Alegre. Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013. p. 28, nota 108.

**BÍBLIA** online. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/>> Acesso em: 18 out. 2013.

BÓLICO, Lucas. 'Chacina de Matupá renovou representação interventiva'. **Olhar Jurídico**: set. 2012. Disponível em: <[http://juridico.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Chacina\\_de\\_Matupa\\_renovou\\_representacao\\_interventiva&id=2073](http://juridico.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Chacina_de_Matupa_renovou_representacao_interventiva&id=2073)>. Acesso em: 6 out. 2013.

BRASIL, Supremo Tribunal Federal. Intervenção Federal n. 114-5/1991/MT, Pleno, Brasília, DF, 13 mar. 1991.

CARVALHO, Carlos Eduardo. O fracasso do Plano Collor: erros de execução ou de concepção? **ECONOMIA**. Niterói. Vol.4, No.2, p.283-331, Julho-Dezembro 2003. Disponível em: <[http://www.anpec.org.br/revista/vol4/v4n2p283\\_331.pdf](http://www.anpec.org.br/revista/vol4/v4n2p283_331.pdf)>. Acesso em: 6 out. 2013.

CASARA, Marques; CARDEAL, Tatiana. Castelo de Sonhos. **Na mão certa**, São Paulo, n. 2, p. 63-69, set. 2008. Disponível em: <[http://www.namaocerta.org.br/revista/02/WCF\\_Reportagem.pdf](http://www.namaocerta.org.br/revista/02/WCF_Reportagem.pdf)>. Acesso em: 6 out. 2013.

CASO Matupá permanece na Justiça. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 abr. 1991. Cotidiano.

CHACINA Matupá 2 – MT. **Rede Record**. São Paulo: 2011. 00'03"24. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=iVpMvMDNo5w>>. Acesso em: 6 out. 2013.

COMANDANTE da PM Coronel Edir Bispo é inocentado Chacina de Matupá. **SBT**, São Paulo, 2013. 0'01"22. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BGKUX8R1dLY>>. Acesso em: 19 out. 2013.

DE TONI, Miriam. Plano Collor e trabalhadores: um cenário de cores incertas. **Indicadores Econômicos**, Porto Alegre: FEE, v. 18, n. 1, ABR/90. p. 87. Disponível em:

<<http://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/296/512>>. Acesso em: 5 Out. 2013.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Crime e Castigo**. 1. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2001.

DÜRREWALD, Lino José. Fiz uma reportagem. **Veja**, São Paulo, ed. 1.171, ano 24, n. 9, p. 82, 27 fev. 1991.

EMISSORA relembra linchamento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 set. 1991. Mundo, p. 2.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Tradução de Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FRANCK JR, Wilson; BARBOSA, Milton Gustavo Vasconcelos. A confissão do acusado e o fechamento do ciclo de violência mimética: para além do platonismo cultural das instituições jurídicas. In: 3º Congresso Internacional de Ciências Criminais da PUC-RS, 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012.

FRANCK JR, Wilson; BARBOSA, Milton Gustavo Vasconcelos. Satanás e a fundação do mundo: Sobre a antropologia bíblica de René Girard. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito: Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais**, Pontifícia Universidade Católica – PUCRS, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 232-240, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/11677>>. Acesso em: 6 out. 2013.

FROTA NETO, E. H.; RUDGE, A. M. Da perversão à expiação: uma mudança de perspectiva. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 31-44, mar. 2009.

GARAGALZA, L. René Girard y la paradoja de la modernidad. **Papers: Revista de sociología de la Universitat Autònoma de Barcelona**. Barcelona, n.84, 2007.

GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. Traduzido por Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GIRARD, René. **Veio a Satan caer como el relámpago**. Traduzido do francês por Francisco Díez del Corral. Barcelona: Anagrama, 1999.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

GIRARD, René. **A rota antiga dos homens perversos**. Traduzido por Tiago Risi. São Paulo: Paulus, 2009.

GIRARD, René; OUGHOURLIAN, Jean-Michel; e LEFORT, Guy. **Coisas Ocultas Desde de a Fundação do Mundo**. Traduzido por Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

JABOR, Arnaldo. Morte em Matupá é o último filme brasileiro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 mar. 1991. Brasil, p. 1.

JORNAL critica linchamentos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 ago. 1991. Mundo, p. 2.

JUN, Nathan. Taward a Girardian Politics. **Studies in Social and Political Thought, University of Sussex**. Disponível em: <<http://www.sussex.ac.uk/cspt/documents/14-2.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2013.

LEGNANI, V. N. et all. Família Nuclear: um ideário de proteção contra a violência. . **Anais do XV ENABRAPSO**. Macéio, 2009. Disponível em: <[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/276.%20fam%CDlia%20nuclear.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/276.%20fam%CDlia%20nuclear.pdf)>. Acesso em: 5 out. 2013.

MARCELO, Antônio. Moradores de Matupá apontam líderes da chacina dos ladrões. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 fev. 1991. Polícia, p. 24. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19910207-35577-nac-0024-999-24-not>>. Acesso em: 5 out. 2013.

MARTINS, José de Souza. Linchamento, o lado sombrio da mente conservadora. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, v. 8, n. 2, p. 11-26, out. de 1996.

MATO GROSSO, Brasil. Lei n. 5.317, de 4 de julho de 1988. Cria o município de Matupá. **Diário Oficial**: Cuiabá, MT, p. 1-3, 4 de julho de 1988.

MATO GROSSO, Brasil. Lei complementar n. 191, de 25 de novembro de 2004. Cria a comarca de Matupá. **Diário Oficial**: Cuiabá, MT, p. 1-3, 25 de novembro de 2004.

MATO GROSSO, Tribunal de Justiça. Recurso em Sentido Estrito n. 014605-08.1999.8.11.0000 da Segunda Câmara Criminal, Cuiabá, MT, 4 de abr. 2001. **Diário da Justiça**, Cuiabá, MT, 13 ago. 2001.

MATO GROSSO, Tribunal de Justiça. Desaforamento n. 0068218-93.2006.8.11.0000 da Turma de Câmaras Criminais Reunidas, Cuiabá, MT, 7 de dez. 2006. **Diário da Justiça**, Cuiabá, MT, 17 abr. 2007.

MATO GROSSO, Tribunal de Justiça. Recurso em Sentido Estrito n. 48.705/2012 da Primeira Câmara Criminal, Cuiabá, MT, 19 de fev. de 2013. **Diário da Justiça**, Cuiabá, MT, 11 mar. 2013.

MOTA, Paulo. Desgraça de Matupá é ouro e chacina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1991. Brasil. p. 14.

MATUPÁ, a rotina da morte e da violência. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1991. Capa.

MAX, Frédéric. **Prisioneiros da Inquisição**. 1. ed. Tradução de Jusmar Gomes e Suzana Fercik Staudt. Porto Alegre: L&PM, 1991.

MUHAMMAD. **O Alcorão**. Tradução de: Mansour Challita. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

O BRASIL Grande e os índios gigantes. **Instituto Socioambiental**, 1995. 0'47"04. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=dIRTiHt9fsc>>. Acesso em: 20 set. 2013.

ORIGEM das palavras organização e ordem. **Origem da palavra**. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/ordem/>>. Acesso em: 5 out. 2013.

OS HOMENS de bem. **Veja**, São Paulo, ed. 1.176, ano 24, n. 14, pp. 46-47, 3 abr. 1991. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>>. Acesso em: 6 out. 2013.

PETRAGLIA, Laura. Policiais vão a júri após 19 anos. **Ministério Público do Estado do Mato Grosso**: dez. 2010. Disponível em: <<http://www.mp.mt.gov.br/conteudo.php?cid=51061&sid=44>>. Acesso em: 7 out. 2013.

POLÍCIA que queimou ladrões é acusada de mais uma chacina. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2 fev. 1991. Polícia, p. 14.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo para apresentação de trabalhos acadêmicos, teses e dissertações elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão**. 2011. Disponível em: <[www.pucrs.br/biblioteca/trabalhosacademicos](http://www.pucrs.br/biblioteca/trabalhosacademicos)>. Acesso em: 18 out. 2011.3

PREFEITURA DE MATUPÁ. **História do município**. Disponível em: <<http://www.matupa.mt.gov.br/>>. Acesso em: 5 out. 2013.

REALE JR., Miguel. Tempestade na consciência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 fev. 1991. Tendências/Debates, p. 3.

SERRA, Maurício Aguiar et al. Perspectivas de desenvolvimento da Amazônia: motivos para o otimismo e para o pessimismo. **Revista Economia e Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 23, 2004.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Traduzido por Agostinho da Silva. São Paulo: Minha, 1988.

SOUZA, Josias de. República Federativa de Matupá. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 abr. 1991. Opinião, p. 2.

STORK, Peter. An introduction to the Work of René Girard. *In*: BAILIE, G. **Violence Unveiled**. Nova York: Crossroad, 1999.

TURCATO, Márcia. Filme revela chacina em Mato Grosso. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 31 jan. 1991. Polícia, p. 21. Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19910131-35571-nac-0021-999-21-not>>. Acesso em: 5 out. 2013.

WITTER, Teobaldo. **Olho por olho e a Chacina de Matupá, Mato Grosso: dimensões educacionais**. Cuiabá, MT. 2004. Disponível em: <[http://ead2.est.edu.br/site\\_est/inscricoes/cursos/extensao/arquivos/Cursos\\_de\\_inverno/376/trabalho\\_TeobaldoWitter.doc](http://ead2.est.edu.br/site_est/inscricoes/cursos/extensao/arquivos/Cursos_de_inverno/376/trabalho_TeobaldoWitter.doc)>. Acesso em: 17 out. 2013.

ZAGREBELSKY, Gustavo. **A Crucificação e a Democracia**. Traduzido por Monica de Sanctis Viana. São Paulo: Saraiva, 2011.

**Agradecimentos:** Agradeço ao Professor Doutor Álvaro Filipe Oxley da Rocha, meu orientador; aos mestres pesquisadores Wilson Franck Junior e Milton Gustavo Vasconcelos Barbosa, sempre tão generosos comigo; à Professora Ana Márcia Martins Silva, por ter apresentado a mim o caso que analiso neste trabalho; à turma 189, meu porto seguro na PUCRS durante esses anos, sobretudo à Silvana Utzig e ao Felipe Schafer, por iluminarem em mim o que tenho de melhor; aos meus amigos Regina, Dr. Rodrigo, Carlos, Paula e Arthur, pelo afeto e acolhimento; e à minha família, que acompanha, atenta, a todos os meus passos – especialmente à minha mãe, uma mulher de sensibilidade e inteligência incríveis, com quem eu tenho a sorte e o prazer de compartilhar a vida.